

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Culturas, subjetividades, devir-jovem.

Norma M. Takeuti.

Cita:

Norma M. Takeuti (2009). *Culturas, subjetividades, devir-jovem. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1772>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Culturas, subjetividades, devir-jovem

Norma M. Takeuti¹

O suporte de nossa exposição é um projeto de pesquisa-intervenção sociológica que tem como um dos eixos empíricos importantes um trabalho realizado em um bairro da periferia urbana de Natal (capital do Rio Grande do Norte, Brasil), junto a um grupo de jovens engajado em uma produção cultural que se difunde e se incrementa por meio de articulações em redes locais, regionais e nacionais de *hip hop* e outras associações de juventude a caráter “político”². O estudo desenvolve-se a partir de um dispositivo de co-construção de saber (entre pesquisadores e sujeitos jovens em suas práticas cotidianas de ação “cultural e política”) que comporta: 1^a) Oficina de histórias de vida em coletividade – Pobreza, Jovens e Resistências (encerrada em 2008); 2^a) Oficina de escrita de um livro (iniciada logo ao término da primeira oficina e em curso atualmente e que tem como objetivo a redação de uma coletânea cujos textos em co-autoria procuram narrar as *experimentações sociais* do grupo jovem em seu objetivo de produzir outros *devires*).

Os jovens em cena neste estudo são habitantes de um bairro periférico (Guarapes) altamente estigmatizado na sociedade local: um lugar considerado como não só habitado por “pobres, excluídos e miseráveis”, mas também por toda sorte de “marginais perigosos”. Essa identidade atribuída em bloco aos moradores desse bairro lhes acarreta sérios constrangimentos de acesso ao trabalho, à educação, às instituições diversas e aos espaços públicos (desenvolvemos amplamente esse assunto em Takeuti,

1

¹ Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

2

¹ É nossa pretensão esclarecer a natureza das atividades que os jovens denominam por “política”. Ela se aproxima mais daquilo que Deleuze e Guattari (1995, 1996) definem como *micropolítica*.

2002). É no interior desse cenário que os jovens implicados em nosso estudo se movimentam com certa inventividade para, não apenas sobreviver em meio às “carências absolutas”, mas principalmente para encontrar modos alternativos de ultrapassagem desse confinamento geográfico, cognitivo, social e cultural.

Eles se iniciaram na experiência do *hip hop*, há uma década, quando o “canto de resistência” (CD *Sobrevivendo no Inferno*) dos *rappers* emergentes (Racionais MC’s) no circuito nacional ressoou fortemente junto a muitos jovens das “periferias” brasileiras. Foi então que tiveram a idéia de também criar a sua própria banda denominada GPS - *Grupo Periférico Suburbano*. Com isso, estava feita a adesão a um “novo modo de ser jovem na periferia”. Modo ou atitude que tem se popularizado em várias cidades brasileiras, nestes últimos tempos, e que tem suscitado produções culturais diversas sob o nome de “cultura de periferia”. Consideramos importante empreender um esforço analítico para compreender aquilo que certos ativistas culturais têm destacado, nesses últimos anos: que “sua arte periférica é um ato político”. Em textos anteriores (TAKEUTI, 2008 e 2009), já mencionamos alguns “fatos-acontecimentos-periféricos” como exemplos de uma excitação cultural que incita e produz certo “orgulho periférico” (sentimento apreciativo de si e da coletividade) que tem, por sua vez, uma singular incidência ao nível da subjetividade, principalmente do segmento jovem. Estamos atentos e acompanhando tais movimentações nas “periferias” – territórios da sociedade brasileira, desde sempre, atingidos pela desigualdade social crônica – de modo a verificar até que ponto elas não se constituem, ainda que em tênues *linhas de fuga*, certos *estratos* de potencialidade inventiva de *formas de viver*. O interesse desta pesquisa está, portanto, na captação desses micro-movimentos e de suas *linhas de força* embrionárias que se esboçam principalmente através de expressões e atividades culturais a caráter coletivo, no mais das vezes, reivindicadas pelos seus próprios ativistas como uma “arte periférica”.

No que concerne mais especificamente ao *hip hop*, a sua “gramática” tomada nos seus principais elementos (*rap*, *MC*, *break*, *grafite*) demonstra que os jovens participantes, sobretudo os mais ativistas no interior desse grande coletivo de múltiplas singularidades, “disparam” contra o abatimento moral, material e psicológico, não só deles próprios como também de todos aqueles que pertencem a um *estrato comum*,

exposto como o “negativo social”. As suas linguagens, tidas como “agressivas” ou “escatológicas”, não pretendem, na ótica de seus principais ativistas, a mostra da decadência, da miséria e nem da violência e da morte, mesmo quando todos esses elementos se encontram no substrato de suas produções. O sentimento de estar empenhados na produção da “arte periférica” e, talvez mais, da *arte de vida* (FOUCAULT, 1984), ou ainda, pela *arte do desvio* (CERTEAU, 1998), produz *acontecimentos* cujas *ressonâncias* estão nas posturas políticas de alguns ativistas culturais. Isto é, mais que produzir músicas, literatura, teatro, grafite, dança e esporte nas “quebradas” das cidades, haveria uma produção de subjetividade outra, até então desconhecida por eles próprios, abrindo porventura um novo campo de possibilidades para uma *subjetividade política*. Uma “nova política de vida”, outro *devir-jovem*, pode emergir no espaço de um *entre-dois* do atual sistema social dominante que sempre insistiu em se manter na dualidade do “mundo dos excluídos” e do “mundo dos incluídos”?

A condição de possibilidade para retrair suas existências nas *linhas de fuga* do sistema social dominante parece justamente estar na assunção de “atitude do ser periférico” distinta, porém, daquela que sempre prevaleceu no imaginário social brasileiro no qual predomina a idéia de que esses jovens estão “predestinados” a ter uma trajetória certa e marcada na delinqüência e na criminalidade. Manifestamente, há nos jovens com os quais desenvolvemos este estudo o desejo de inventar um *devir-jovem* outro, fora de *agenciamentos* sociais que, até então, confinaram suas existências em espaços sociais, mentais e físicos bastante estreitos. Quando dizemos *desejo* é porque podemos reconhecer que vários de seus atos e linguagens – também expressos através de músicas, danças, desenhos ou outras expressões artísticas e literárias – apelam para a dimensão vital, ou melhor, para a *potência de vida*. Nossa proposição segue no sentido de captar experiências sociais dos jovens onde eles próprios sentem-se inventivos em “obrar” a vida.

A pesquisa segue por uma trilha de hipóteses que toma o tema da *resistência social* como um dos eixos organizadores da reflexão. Resistência não mais à margem do sistema, não mais pensada em termos de grandes explosões, de grandes mobilizações de massa e com ícones “maestros”, mas pensada como um *evento* no bojo daquilo que se

apreende pelo conceito de *multidão* que se adensa nessa nova ordem global simultaneamente ao desenvolvimento, cada vez mais aperfeiçoado, de mecanismos de captura e sobrecodificação na sociedade de controle (DELEUZE, 1992; HARDT, 2005).

Até onde pudemos avançar na pesquisa, vimos que determinados coletivos jovens implicados na produção cultural engajam-se na produção de outro *devir*, um *devir-jovem* que se forja em meio a deslocamentos (DELEUZE, op. cit.), ao mesmo tempo, em relação à lógica da pura violência e rejeição ao sistema que os “exclui e condena” e em relação à lógica da pura aceitação e resignação ao sistema dominante. Não se trata de enfocá-los como jovens que querem “reformular a sociedade”, mas bem como aqueles que desejam “refazer a margem” na qual se encontram, e fazê-lo não através de “bombas e granadas” contra a sociedade, mas bem conseguindo navegar, diríamos como Deleuze e Guattari (1998), entre as dimensões estratificadas de *agenciamentos sociais complexos* (sobretudo, entre as organizações ou instituições inexoráveis do poder). Diríamos que aquilo os move por essas *linhas de fuga* é o entendimento de que não podem mais ficar paralisados, aguardando que outros (Governo, ONGs, fundações filantrópicas ou qualquer entidade transcendental) façam algo para romper o círculo da miséria desses indivíduos que se encontram na vida deteriorada, desde há muitas gerações.

Sob o plano analítico, nós somos levados a efetuar igualmente um deslocamento em relação ao pensamento que se fundamenta na dualidade exclusiva de lógicas antagônicas, para pensarmos em termos de criações culturais e subjetivas de indivíduos e grupos que se situam num *entre-deois*, numa lógica que nem é a do “contra”, tampouco a da “adesão passiva”; nem de dentro, nem de fora, mas “fazendo com” (CERTEAU, 1994). Do ponto de vista do poder, pode-se dizer como Agamben (2004), que se trata de uma *inclusão-exclusiva* (condição de *homo sacer*). Entretanto, do ponto de vista da subjetividade singular, que se encontra numa *zona de indistinção* numa sociedade *dividualizada*, não haveria aí uma condição de possibilidade de uma resistência? Restamos esmiuçar essa condição...

De toda forma, estamos refletindo toda essa relação entre *micropolítica, cultura, subjetividade e vida* tendo como tela de fundo a revolução tecnológica – notadamente a que diz respeito ao campo informacional e comunicacional, dessas últimas décadas.

Importa-nos captar seus efeitos aos níveis do indivíduo (jovem engajado numa produção cultural) e do coletivo (em suas ações cotidianas na própria “periferia”), mantendo o olhar aguçado sobre as atitudes e processos, em sua qualidade de *linhas de força*, as quais podem ser lidas como sendo as próprias *forças de fora* (elementos do poder) (DELEUZE, 1988) que se tenta *dobrar*. Alguns indicadores podem ser tomados: as ditas revoluções tecnológicas e produtivas que permitiram aos jovens do *hip hop* – com os quais trabalhamos – uma maior conexão com o mundo “de fora”: múltiplas trocas em redes juvenis, na perspectiva cultural e/ou política da *multidão*. Juntos, vão aprendendo a descobrir novas formas para fazer funcionar suas imaginações e conseguir, por diversas ocasiões, inventividade em suas ações a caráter multicultural e, de mais em mais, coletivas. Nesse sentido, pode-se dizer que a “periferia” vai sendo intensamente atingida pela comunicação generalizada e por uma semiótica contemporânea, cada vez mais *desterritorializada*. Há todo um desafio analítico nessa empreitada que pretende captar movimentos informes, por vezes, expressos em lances imperceptíveis.

Por fim, resta registrar que nossa análise se inscreve no interior do quadro das mudanças no âmbito da política e das profundas transformações econômicas e socioculturais pelas quais têm passado as sociedades latino-americanas, nestas últimas décadas, que seguem simultaneamente à alteração da geopolítica global. Pode-se ver, hoje, o desmoronamento de determinados alicerces das relações de poder, até então, instituídas entre Sociedade-Estado-Economia nas sociedades modernas e contemporâneas. As economias e culturas mundiais, em interdependência global, vêm alterar os *mapas cognitivos* no interior de cada sociedade (LECHNER, 2004). Seguimos com este autor e outros latino-americanos, em sua análise focalizada nos processos políticos na América Latina, naquilo em que observam, no plano global, a crise estrutural de legitimidade dos sistemas políticos dominantes e a *erosão dos mapas cognitivos* que até então predominaram. Visíveis são as transformações que certos autores enfatizam: a *transformação da política*, de sua prática institucionalizada (a política *instituída*) e a *transformação do político* (conjunto de formas imaginadas e valorizadas pelas pessoas na sociedade – a política *instituinte*).

Palavras-chave: resistência social; micropolítica; jovens e *hip-hop*; inventividades sociais.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Diálogos* (1977). São Paulo: Editora ESCUTA, 1998.

_____. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle (1990). In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. Controle e devir. In: *Conversações*, pp. 219-226. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)*. In: *Foucault* (1986). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. (1980). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Micropolítica e segmentaridade. In: *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. (1980). São Paulo: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LECHNER, Norbert. Os novos perfis da política: um esboço. In: *Lua Nova, Revista de Cultura e Política*, nº. 62. São Paulo: CEDEC, 2004.

HARDT, Michael. La sociedad mundial de control. In: *EUPHORION*, nº. Especial Virtual 1, jul.-dez./2005. Medellín – Colombia.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TAKEUTI, Norma M. *No outro lado espelho: a fratura social e as pulsões juvenis*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social (pp. 203-221). In: *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*, PASSEGGI, M. da C. & SOUZA, E. C. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008.

TAKEUTI, Norma M. & BEZERRA, Marlos A. Trajetórias de um coletivo jovem: Nem só de prática e gramática da ira. In: *Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas*, TAKEUTI, N. M. & NIEWIADOSMKI, C. (Orgs.). Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.